

Dossiê – II Seminário Sankofa**“Descolonização e Racismo: atualidade e crítica”****“Descolonização e Racismo: O Ponto de Vista Zapatista”***Sebastião Vargas¹*

Primeiramente, gostaria de expressar minha gratidão pelo convite. Para a elaboração deste texto fui inspirado pelo nome deste auditório (Fernand Braudel) e pela proximidade da data que celebraria o Dia da Consciência Negra (20 de novembro). Queria refletir um pouco sobre a visão zapatista do tema da descolonização desde um ponto de vista da longa duração histórica. Utilizei, como fio condutor, algumas manifestações (e a documentação emitida pelo EZLN) em torno de outra data muito significativa para os povos originários deste continente. Em 12 de outubro de 1992, foram celebrados os quinhentos anos da “descoberta” da América. Em San Cristóbal de Las Casas, no estado mexicano de Chiapas, mais de nove mil indígenas participaram de uma manifestação de repúdio ao processo de conquista dos povos nativos do Novo Mundo pelas Coroas Ibéricas. Entre os indígenas que marcharam nas ruas da cidade, a maioria já fazia parte da estrutura clandestina do Exército Zapatista de Libertação Nacional². O protesto era oficialmente coordenado pela *Frente de Organizaciones Sociales de Chiapas* (FOSCH) aglutinando as principais entidades *campesinas* da região, todas elas infiltradas pelos guerrilheiros. Os manifestantes, principalmente os identificados à *Alianza Nacional Campesina Independiente Emiliano Zapata* (ANCIEZ), eram particularmente disciplinados e notava-se uma grande quantidade de mulheres. Alguns levavam arcos e flechas, outros tinham os rostos pintados. A mobilização seguiu ordenadamente, embora houvesse tensão no ar. Dirigentes indígenas fizeram discursos muito duros. O então bispo de Chiapas, Dom Samuel Ruiz, discursou sobre o aumento da violência estrutural sobre as comunidades indígenas, (segundo o religioso,

¹ Professor de História da América – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

² O EZLN faria sua primeira “aparição” pública na madrugada do primeiro dia do ano de 1994, quando um exército de mais de três mil combatentes, na grande maioria indígenas, tomou sete cidades da região de Los Altos no estado de Chiapas: San Cristóbal de Las Casas, Ocosingo, Las Margaritas, Altamirano, Chanal, Oxchuc e Huixtán. Misteriosamente vindos da noite espessa das montanhas - “noite de quinhentos anos” - os guerrilheiros do EZLN chegaram “*carregando suas mochilas, seus mortos e sua história*” e exigindo terra, emprego, casa, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz. A retirada das cidades ocupadas e o cessar fogo com o exército mexicano ocorreu muito rapidamente, mas o levante zapatista modificou o cenário político-social, não somente do pobre estado de Chiapas, mas também de todo o México.

“violência de quinhentos anos”) que negava o legítimo direito de desenvolver todas as potencialidades autênticas do ser humano³. A culminação do protesto se deu na *Plaza de Armas* ou *Plaza 31 de Março*, assim chamada por ser esta a data da fundação, no ano de 1528, da cidade de San Cristóbal. Ali, num ato de forte simbolismo os manifestantes, com paus e marretas, derrubaram uma imensa estátua de bronze do conquistador espanhol Diego de Mazariegos. Um grupo de policiais tentou conter os manifestantes, mas uma verdadeira chuva de pedras e a aproximação ameaçadora de homens mascarados os intimidaram⁴. As faixas erguidas pelos campesinos, na maior parte sob a efígie de Zapata, eram eloqüentes: **“Hoje cumprem quinhentos anos de roubo, morte e destruição do povo indígena”**; **“12 de outubro, dia de desgraça”**. Três anos depois (1995), já imersos num contexto de feroz repressão por parte do exército federal mexicano, os zapatistas insurgentes reiteravam sua disposição de lutar e resistir no pungente *“Comunicado con motivo del 12 de octubre”* que terminava com as seguintes palavras:

Hoy, 12 de octubre, hace 503 años que la palabra y el silencio del poderoso empezaron a morir.

Hoy, 12 de octubre, hace 503 años que nuestra palabra y nuestro silencio empezaron a resistir, a luchar, a vivir.

Hoy, 503 años después de haber comenzado, seguimos aquí. Somos más y mejores. Tenemos ya muchos colores y muchas son las lenguas que hablan nuestra palabra.

Hoy no hay vergüenza en nuestro corazón por el color de piel o por el habla.

Hoy decimos que somos indios como si dijéramos que somos gigantes.

Hoy, 503 años después de que la muerte extranjera quiso mandarnos silencio, resistimos y hablamos.

Hoy, 503 años después, vivimos...

¡Vivan los indígenas mexicanos!

¡Democracia!

¡Libertad!

¡Justicia!

Desde las montañas del Sureste mexicano

CCRI-CG del EZLN⁵

³ Uma ótima introdução sobre o neozapatismo é a coletânea de textos e documentos realizada por: BUENROSTRO Y ARELLANO, Alejandro; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org.). *CHIAPAS: construyendo a esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

⁴ DÍAZ, Carlo Tello. *La rebelión de las cañadas*. México: Cal y Arena, 1995, p. 151, afirma que os subcomandantes Marcos e Pedro estavam presentes filmando a mobilização que trataram como verdadeiro ensaio para o levante de 1994. Os elementos mascarados que amedrontaram as forças policiais seriam comandos guerrilheiros dispersos pela cidade que responderiam em caso de agressão.

⁵ “Con motivo del 12 de octubre”. In: *EZLN: Documentos y comunicados*. (vol. 3). México: Ediciones Era, 1997, p.38-39.

Ao analisarmos as origens e a natureza do EZLN - e de vários outros movimentos indígenas latino-americanos - observamos que seus objetivos e visões de luta podem e devem ser inscritos dentro de perspectiva temporal de longa duração. Seguindo rapidamente o ponto de vista da longa duração histórica, difundido pelo historiador Fernand Braudel,⁶ percebemos que os fenômenos sociais não podem ser suficientemente entendidos se nos encerrarmos, para sua consideração, nas temporalidades da curta ou da média duração e que, portanto, é necessário abrir sempre generosamente a lente temporal de nosso exame, incorporando às nossas explicações um maior alento temporal⁷. Seguindo este pensamento podemos ampliar nossa compreensão sobre os atuais movimentos sociais encarando, por exemplo, o neozapatismo chiapaneco como uma das manifestações do último estágio da longa cadeia de movimentos de resistência indígena/camponesa presente no México e em toda uma zona importante da América Latina, que percorre a história dos últimos cinco séculos da evolução das sociedades latino-americanas, marcando-as com a presença recorrente destes movimentos de rebelião das populações índias, negras, mestiças e populares.

O português Boaventura dos Santos é um dos intelectuais que tentam elaborar uma “epistemologia do Sul” cuja exigência mais premente é a necessidade de se pensar a questão do colonialismo ou, mais exatamente, do *pós-colonialismo*. A concepção de que a modernidade ocidental é fundada sobre uma “violência matricial” – o sistema colonial – e que principalmente as sociedades latino-americanas, se aparentemente já se libertaram do colonialismo político, ainda padecem de um colonialismo social e cultural é essencial para a construção desta “epistemologia do Sul”, já que, segundo Boaventura ainda “*vivimos en sociedades donde no se puede entender la opresión o la dominación, la desigualdad, sin la idea de que seguimos siendo, en muchos aspectos, sociedades coloniales.*”⁸ Quando Boaventura propõe uma “ecologia dos saberes”, ele considera que é essencial trabalhar o imaginário social e a *subjetividade rebelde* para construir uma base sólida sobre a qual as ações de qualquer movimento social devem repousar. Ao se desenvolver a subjetividade rebelde, segundo o

⁶ Especificamente sobre o conceito de longa duração histórica ver o capítulo “Historia y ciencias sociales: la larga duración”. In: BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre historia*. México: FDC, 1991.

⁷ “Desde una perspectiva histórica de ‘larga duración’, el conflicto de Chiapas, o mejor dicho la resistencia y la rebelión de los indios de Chiapas que se destapó a la luz pública en el noventa y cuatro nos da, sin duda, mucho que pensar. Sobre todo en el sentido siguiente: si miramos las cosas desde la larga duración, deberíamos tener en cuenta que el proceso que comenzó en 1492, o en 1523, según se lo quiera ubicar, es decir el proceso de la Conquista, es una empresa que todavía no ha terminado. Creo que lo importante sería partir de esta idea: que la Conquista de América aún está en marcha. Vistáis las cosas, el levantamiento de los indios de Chiapas es un hecho que muestra cuáles son las características actuales del *inacabamiento* de la Conquista”. ANDRADE, Bolívar Echeverría. “Chiapas y la conquista inconclusa”. In: ROJAS, Carlos Antonio Aguirre [et. al.]. *Chiapas en perspectiva histórica*. Espanha: El Viejo Topo, 2002, p. 105.

⁸ SANTOS, Boaventura de Souza. *Renovar la teoría crítica y reinventar la emancipación social: encuentros en Buenos Aires*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2006, p. 50.

português, devemos levar em conta a dimensão mítica presente em todos os saberes (emoção, fé, repugnância, amor, memória etc.)

O processo de elaboração de um imaginário social é parte integrante da legitimação de qualquer agrupamento político. No caso dos indígenas zapatistas podemos acessar fragmentos desse complexo imaginário social por meio de seus símbolos⁹ (o mais evidente, os gorros *passamontañas* que ocultam as identidades dos insurgentes e denunciam sua invisibilidade histórica), seus rituais, suas práticas sociais e seus discursos. Sem dúvida, um dos eixos centrais do discurso zapatista gira em torno da noção da legitimidade histórica de sua luta. A história está por toda parte no discurso zapatista e a memória é uma de suas palavras essenciais. Tão importante é a preocupação que, seguindo vários comunicados, os insurgentes definem o levantamento zapatista como uma “rebelião da história”: “*A guerra iniciada no primeiro de janeiro de 1994 foi e é uma guerra para fazer-nos escutar, uma guerra pela palavra, uma guerra contra o esquecimento, uma guerra pela memória. Uma rebelião da história*”. Frente à “desmemória” que contribui com sua opressão e marginalização, os rebeldes reivindicam a arma da memória e com ela buscam recuperar um espaço legítimo na consciência da nação. O levante de primeiro de janeiro de 1994 tinha um objetivo militar e outro simbólico: “*Na última noite do ano de 1993, saímos daqui, das montanhas tzotziles do sudeste mexicano, carregando nossas mochilas, nossos mortos e nossa dignidade, para tomar a cidade de San Cristóbal e tomar nosso lugar na história do México*”.¹⁰ Para os zapatistas, a história é uma ponte entre passado e futuro, não repetição do passado, mas uma necessidade frente ao “presente perpétuo” imposto pelo neoliberalismo. A utilização da história e da memória coletiva nos seus vários níveis e intensidades e o zelo pela conservação da memória histórica ficam evidenciados em diversos documentos emitidos pelo EZLN como, por exemplo, na mensagem enviada aos participantes do *II Encontro Americano pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo*, realizado em Belém do Pará, no ano de 1999:

A memória histórica é desprezada pelos valores neoliberais não só porque não pode ser comprada ou vendida, mas também porque é subversiva e faz demasiadas perguntas que vão de encontro a um sistema injusto. Para os que empurram o rodar do mundo, a memória histórica é uma arma, força, escudo, espada, lança, flecha, capacete, bota e punho de guerra.¹¹

⁹ Sobre o significado das máscaras para os insurgentes ver: DOSSIER SOBRE CHIAPAS. *Los hombres sin rostro: cronología, comunicados, entrevistas, acuerdos de paz y artículos de opinión en torno al conflicto chiapaneco, de enero a abril de 1994*. México: SIPRO, 1994.

¹⁰ “*Mensaje de la Comandancia General del EZLN a los cinturones de paz en San Andrés, 12 de julio de 1996*”. In: LA REVUELTA DE LA MEMORIA: del subcomandante Marcos y del EZLN sobre la Historia. México: Centro de Información y Análisis de Chiapas (CIACH), 1999, p. 178.

¹¹ MEMÓRIA: *II Encontro Americano pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo* – com as mensagens inéditas de abertura e encerramento do subcomandante insurgente Marcos. Belém: Coordenadoria de Relações Internacionais da Prefeitura Municipal de Belém, 2002, p. 327.

No dia 12 de outubro de 2011, no âmbito da campanha pelo “Fim à Guerra Contra a Mãe Terra e seu Povos”, o EZLN realizou a “*Marcha por la Madre Tierra y sus Pueblos, por el respeto a las Autonomías Zapatistas y por la libertad inmediata de nuestros pres@s politic@s*”. A convocatória para tal ato reiterava:

Nuestro compromiso de resistencia a la nueva colonización expansionista neoliberal que despoja, extrae los recursos de nuestros territorios, invade con megaproyectos transnacionales, rompe identidades culturales desafiándonos como pueblos, atenta contra la soberanía y seguridad alimentaria, contamina y asesina la biodiversidad, provoca el calentamiento global destruyendo en planeta y el futuro de la humanidad. Reprime, encarcela y hace de las guerras su negocio. Sin olvidar el genocidio, la expoliación secular, el racismo, la discriminación y el sometimiento de nuestros pueblos indígenas y afrodescendientes por la invasión española en 1492. Nos unimos a las acciones de la “IV Minga (termo andino que significa compromiso ou trabalho comunitário) Mundial por la Madre Tierra”.

A convocatória geral foi assinada por várias organizações indígenas e *campesinas* que de maneira gradual, nos diferentes encontros do movimento dos povos originários, vem trabalhando para que o nome *América* seja substituído pelo termo *Abya Yala*, indicando assim, não só outro nome, mas também a presença de outro sujeito enunciativo de discurso até aqui calado e subalternizado em termos políticos: os povos originários. Nas palavras do geógrafo Carlos Walter Porto-Gonçalves: “*Abya Yala configura-se, portanto, como parte de um processo de construção político-identitário em que as práticas discursivas cumprem um papel relevante de descolonização do pensamento e que tem caracterizado o novo ciclo do movimento indígena, cada vez mais movimento dos povos originários*”.

Entre as organizações de Abya Yala que firmaram o documento da convocatória podemos citar: Coordinadora Andina de Organizaciones Indígenas (CAOI), Coordinadora de Organizaciones Indígenas de la Cuenca Amazónica (COICA), Consejo Indígena de Centro América (CICA), Consejo Indígena de Meso América (CIMA), CONACAMI, CONAMAQ, ECUARUNARI, ONIC, FOCO, FUNDAMAYA, COMKADES, CRIC, CONAFROIC, CRIDEC, CONAVIGUA, Minga Informativa de los Movimientos Sociales, TONATIERRA, Peruanos en Acción, Movimiento Indígena Nacional (México), Grito de los Excluidos, Plataforma 12 de Octubre: ¡Nada qué celebrar!, GTEPIC-15M, SICSAL, ECOPORTAL, Centro de Derechos de la Mujer de Chiapas, etc.

Ao buscar as raízes históricas do atual conflito em Chiapas nas estruturas (econômicas, sociais e culturais) oriundas do sistema colonial, o discurso dos zapatistas insere deliberadamente sua luta num painel de resistência que, não seria exagerado afirmar, só pode ser compreendido plenamente numa perspectiva de longa duração. Sua utopia

concreta e sua tentativa de “reencantamento” misturam, numa alquimia rebelde: passado, presente e futuro; sonho e memória; espiritualidade e política; teoria e poesia; cotidiano e extraordinário.¹² Num processo dinâmico, por vezes contraditório, e sempre acossado por inimigos poderosos, estes indígenas organizados se sentem honrados por cumprirem sua parte na imensa tarefa de resistir. Em tempos de globalização econômica capitalista, como dizem os zapatistas, na “Quarta Guerra Mundial”, o alvo seria o próprio planeta, não apenas sua população majoritária (os pobres), mas também seus territórios e recursos: toda a natureza. América Latina continuaria no centro desta “longa guerra de conquista” e os povos indígenas e *campesinos* teriam, como há 500 anos, um papel de protagonistas no processo de resistência e construção de projetos societários alternativos.

¹² Sobre o sentido de “reencantamento” presente no discurso zapatista ver o excelente artigo de Michael Löwy: “Fontes e recursos do zapatismo”. In: LÖWY, Michael. *Marxismo, modernidade e utopia*. São Paulo: Xamã, 2000, p. 199.